

SISTEMAS AGROALIMENTARES CONTEMPORÂNEOS: DINÂMICAS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Catia Grisa¹

 <https://orcid.org/0000-0001-6685-4875>

Cimone Rozendo²

 <https://orcid.org/0000-0002-4903-0839>

Ramonildes Gomes³

 <https://orcid.org/0000-0001-5009-9625>

Silvia A. Zimmermann⁴

 <https://orcid.org/0000-0003-2318-2743>

A literatura mundial sobre a alimentação tem dado grande ênfase às reflexões sobre os modelos que orientam e estruturam os sistemas agroalimentares e suas consequências. As análises demonstram que as longas cadeias, base dos sistemas agroalimentares globalizados, promovem um processo de desconexão entre as esferas da produção, beneficiamento e consumo com múltiplas implicações. Disso resultam modelos produtivos cada vez mais especializados, artificializados em que os locais de produção e consumo dos bens alimentares não mais coincidem (Ploeg, 1992; Ploeg *et al.*, 2004). Há, portanto, um rompimento com a dinâmica de manutenção dos equilíbrios ecológicos e com as práticas e conhecimentos locais (Caporal; Costabeber, 2007; Piraux; Cuenin, 2019) invisibilizando os alimentos, sua identidade, sua procedência e seus/as produtores/as. A perda desses referenciais e os sucessivos escândalos alimentares, como nos episódios da vaca louca, da gripe aviária, da contaminação por transgênicos, do uso descontrolado de agrotóxicos, agravados pelos altos custos ambientais, têm suscitado muitos questionamentos ao atual sistema agroalimentar, gerando uma crise de confiança (Díaz-Mendez; García Espejo, 2021).

Em consequência disso, vimos emergir, nas últimas duas décadas, em todos os continentes, uma diversidade de iniciativas – produtivas, de consumo, de abastecimento e de beneficiamento (Grisa, 2020; De La Peña Garcia *et al.*, 2020; Renting *et al.*, 2017; Goodman, 2017; Morgan; Sonnino, 2010) – que buscam re-conectar os elos “perdidos” da cadeia alimentar com vistas à construção de um modelo agroalimentar alternativo, mais sustentável e equitativo, no qual a confiança é

¹Doutora em Ciências Sociais. Professora nos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: catiagrisaufrgs@gmail.com.

²Doutora em Meio Ambiente. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: cimone.rozendo@gmail.com.

³ Doutora em Sociologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Email: ramonildes.alves@professor.ufcg.edu.br.

⁴Doutora em Ciências Sociais. Professora do Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: silvia.zimmermann@unila.edu.br.

restabelecida. Essas iniciativas baseiam-se na potencialização do capital social através de relações sociais renovadas que alimentam valorações sobre a prática e o papel que os agricultores, os consumidores, o Estado e as instituições podem assumir nessa reconfiguração. Portanto, concepções como sustentabilidade socioambiental e econômica, tendo como referência a re-localização, o conhecimento local, a tradição, as formas sociais de produção, a justiça social, a equidade e a democracia alimentar são incorporadas como base desse processo de mudança. Além disso, destaca-se a capacidade de essas estratégias construírem relações urbanos/rurais em patamares que possam valorizar os espaços rurais, proporcionando a articulação entre agricultores familiares e outros segmentos rurais e não rurais, e de ensejar uma nova governança territorial com vistas à sustentabilidade alimentar (Chiffolleau; Prevost, 2012; Rozendo *et al*; 2013). Esses atributos constituem a base dos processos de reterritorialização e de aproveitamento das condições endógenas, aspectos fundamentais para a conformação do paradigma de desenvolvimento rural sustentável (Ploeg, 2008).

O mundo vive hoje simultâneas crises sanitária, econômica, social, política e ambiental, resultando em uma interação sindêmica entre a vulnerabilidade social e a crise sanitária, provocada pela pandemia da COVID-19, que favorece o aumento da pobreza em todo o mundo (Horton, 2020). Esses episódios reposicionam o tema dos sistemas agroalimentares, exigindo esforços analíticos de distintas áreas do conhecimento, que possam dialogar com as dinâmicas e as iniciativas que emergem nos diferentes contextos. Estas considerações revelam as motivações teóricas e contextuais que nos levaram a propor a organização do deste Dossiê. Os artigos aqui reunidos oferecem reflexões teóricas e analíticas sobre elementos que configuram a alimentação, as dinâmicas alimentares e os sistemas alimentares, a partir de evidência empíricas e reflexões conceituais de diversos contextos.

Organizados a partir de uma visão mais geral à contextos mais específicos, iniciamos com apresentação do artigo de Cesar Bruno Favarão e Arilson Favareto, que discute as noções de sistemas agroalimentares e transição sustentáveis, propondo a construção de modelos interpretativos que considerem a importância de abordagens sistêmicas e o tratamento de coalizões e dos territórios. Nas palavras dos autores, “a adoção de modelos interpretativos baseados em certa pluralidade conceitual é crucial para contornar limites de cada uma das teorias, isoladamente, e ampliar seu potencial explicativo.”

Logo na sequência, temos o artigo de Alfio Brandenburg, Cimone Rozendo e Claire Lamine, que a partir da análise de três territórios: Apodi, no Nordeste do Brasil, Assentamento Contestado na Lapa, Sul do Brasil, e Ardèche, na França; e das contribuições do debate sobre ação pública, analisa ações que buscam reconectar a agricultura, alimentação, meio ambiente e saúde. Em seus resultados, os autores argumentam que “a agroecologia exerce papel potencializador nesse processo, na medida em que é promovida por iniciativas locais e implementada por políticas públicas”.

O artigo de Dalva Maria da Mota, Heribert Schmitz e Susanne Hofmann-Souki propõe a análise da emergência de Agricultura Apoiada pela Comunidade (CSA) como uma resposta às crescentes críticas à industrialização da agricultura. A partir do contexto da Alemanha, os autores situam o surgimento das CSA, suas especificidades, características e tendências recentes.

Renato dos Prazeres Rodrigues e Monique Medeiros discutem diferentes “tipos de agricultura” envolvidos na produção do açaí no Pará. Em suas reflexões, as diferentes práticas produtivas e de comercialização estruturam diferentes tipos de agricultura mais ou menos próximo do tipo empresarial ou mais ou menos distante do tipo camponês.

Na sequência, a partir de uma abordagem histórico conceitual, Paulo Eduardo Moruzzi Marques e Natália Gebrim Dória analisam a polissemia da noção de segurança alimentar e nutricional e a emergência da noção soberania alimentar como uma resposta às ambiguidades ali presentes. Ademais, os autores contextualizam a integração dos conceitos no contexto brasileiro, tendo como protagonistas o movimento social e a ação governamental.

Avançando para dimensões, processos ou elementos mais específicos dos sistemas alimentares no contexto brasileiro, Regina Aparecida Leite de Camargo, Vanilde Ferreira de Souza Esquerdo e Ricardo Serra Borsatto discutem o papel das compras públicas de alimentos do Governo de São Paulo na construção de sistemas agroalimentares locais. O artigo apresenta as experiências do Programa Paulista de Agricultura de Interesse Social (PPAIS), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) via Termo de Adesão e o Programa Cestas da Cidadania e conclui sobre a necessidade de articulação com outras políticas públicas.

Ana Paula Lopes Ferreira, Liliana Mari Lino Pires e Ramonildes Alves Gomes analisam a atuação das mulheres agricultoras como atores políticos na construção de sistemas agroalimentares sustentáveis, notadamente por meio da agroecologia. A partir da experiência do território do Sertão do Pajeú, as autoras mapeiam as formas de opressão e de resistências vivenciadas pelas mulheres nos processos de transição agroecológicos.

No artigo seguinte, Flávio Aparecido Pontes, Vera Lucia Silveira Botta Ferrante e Luis Antonio Barone abordam a produção e as diferentes dinâmicas de comercialização de alimentos agroecológicos (intermediários, atravessadores) no Projeto de Assentamento Horto Bela Vista, Iperó, São Paulo. Os autores concluem que “os atravessadores mais se beneficiam do que contribuem, ao passo que os intermediários, embora exerçam papel semelhante, mantêm uma relação menos exploratória” na reprodução social dos assentados da reforma agrária.

Mariana Oliveira Ramos, Fabiana Thomé da Cruz e Gabriela Peixoto Coelho de Souza analisam os desafios da qualidade e da segurança de polpas de frutas nativas produzidas em diferentes escalas e lógicas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a partir dos critérios definidos pela legislação sanitária. As autoras defendem a “importância de espaços de controle social da qualidade dos

alimentos, assegurando a participação de organizações da agricultura familiar, de consumidores e do setor de saúde na construção de normativos que definem a qualidade”.

Adriana Rita Sangalli, Gabriela Coelho de Souza e Tatiana Mota Miranda contribuem para o Dossiê propondo indicadores de desempenho para monitoramento de sistemas agroflorestais agroecológicos. As autoras trazem ao debate exemplos de dois casos (São Francisco de Paula- Rio Grande do Sul e União da Vitória- Paraná), cujos indicadores foram construídos de maneira participativa entre agricultores manejadores, pesquisadores, gestores públicos, extensionistas rurais e acadêmicos, fortalecendo a governança destes e das redes em que estão envolvidos.

Por fim, Alien Mayara Ferreira Belle e Hieda Maria Pagliosa Corona discutem a importância da produção para o autoconsumo para a segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras. Essa prática é interpretada pelas autoras como a manifestação da reflexividade diante da crítica aos alimentos/produtos industrializados. Concluem que os alimentos do autoconsumo são valorizados pelas famílias “por possuírem uma qualidade nutricional superior aos alimentos comprados, pela confiança no saber-fazer tradicional e na ausência de agrotóxicos, retratando uma segurança ontológica.”.

REFERÊNCIAS

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: Conceitos e Princípios para a Construção de Estilos de Agriculturas Sustentáveis. In: CAPORAL, F. R. (Orgs.). *Extensão Rural e Agroecologia: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível*. Brasília: MDA, 2007, p. 225-240.

CHIFFOLEAU, Y.; PREVOST, B. Les circuits courts, dès innovations sociales pour une alimentation durable dans les territoires. *Noréis*, n. 224, 2012, p. 7-20.

DE LA PEÑA GARCÍA, A.; ZIMMERMANN, S. A.; ELEUTERIO, A. A. Food systems, food policies and family farming under COVID-19 in a southern Brazilian City. *Human Organization*. v.79, n. 4, dez, 2020.

DIAZ MENDEZ, C. (Coord.), ESPEJO, Maria I. G. El malestar con la alimentación. Asturias. España: Trea, 2021. 248p.

GOODMAN, D. Espaço e lugar nas redes alimentares alternativas: conectando produção e consumo. In: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (Orgs.). *Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2017, p. 59-82.

GRISA, C. Public policies, food and nutrition security, and sustainable food systems: convergences from the Food Acquisition. In: GALANAKIS, C. M. (Org.). *Food Security and Nutrition*. 1ed. London: Elsevier, 2020, v. 1, p. 181-207.

HORTON, R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. *The Lancet*. Disponível em: <<https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2932000-6>>. Acesso em: 26 set. 2020.

MORGAN, K.; SONNINO, R. *The School Food Revolution: Public Food and the Challenge of Sustainable Development*. Londres: Earthscan, 2010.

- PIRAUX, M.; CUENIN, P. H. C. M. Evolução das conexões entre produção e consumo e seus impactos sobre as dinâmicas de um território: o caso de Mocajuba na Amazônia oriental – PA. *Redes – Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 24, n. 3, p.101-117, set./dez., 2019.
- PLOEG, J. D. V. D. *Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- PLOEG, J. D. V. D. El proceso de trabajo agrícola y la mercantilización. In: GUZMAN, E. S. (Orgs.). *Ecología, Campesinado e Historia*. Madrid: Ediciones, 1992, p.163–195.
- PLOEG, J. D. V. D.; BOUMA, J.; RIP, A.; RIJKENBERG, F. H. J.; VENTURA, F.; WISKERKE, J. S. C. On regimes, novelties, niches and co-production. In: WISKERKE, J. S. C.; PLOEG, J. (Orgs.). *Seeds of Transition. Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture*. Assen, The Netherlands: Van Gorcum, 2004.
- RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). *Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 27-51.
- ROZENDO, C.; BASTOS, F.; MOLINA, W. DE S. L. Desafios institucionais para a inclusão da agricultura familiar no Programa Nacional de Alimentação Escolar. *Revista Cronos*, v. 14, n. 2, p. 23-35, 22 out. 2015.
- VENDRUSCOLO, R., MATTE, A.; VENTURA, F.; TOURRAND, J. E.; WAQUIL, P. Entre a reconexão e a revalorização: a constituição de convenções em mercados da agricultura familiar no Brasil, na Itália e na França. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 26, n. 3, p. 495-516, 2018.